



## **Os dois corpos do rei na Inglaterra Anglo-Saxônica The two bodies of the king in Anglo-Saxon England**

Nachman FALBEL<sup>1</sup>  
Elton O. S. MEDEIROS<sup>2</sup>

**Resumo:** Desde o princípio do período medieval, uma das figuras de destaque na sociedade é o rei. Sua presença é fundamental para o equilíbrio social, uma vez que ele não é apenas o governante de seu povo, mas também representa os poderes divinos manifestados através de sua pessoa. Assim, iremos abordar de que maneira esta figura dupla do rei é representada através da literatura do período anglo-saxão da história medieval inglesa, não como mero símbolo heróico em guerra, mas sim como o guardião de seu povo e mantenedor da paz.

**Abstract:** Since the beginnings of the medieval period, one of the most prominent characters in this kind of society is the king. His presence is extremely important to the social harmony, hence the king is not only the ruler of the people, but also represents the godly powers that manifest through him. So, we will show how this king dual-figure is represented in Anglo-Saxon literature, not as just a heroic symbol of war, but as the guardian of his folk e keeper of peace.

**Palavras-chave:** Inglaterra anglo-saxônica, Realeza, Sociedade, *Beowulf*.

**Keywords:** Anglo-Saxon England, Royalty, Society, *Beowulf*.

\*\*\*

Em sua obra *Os Dois Corpos do Rei*, Ernst H. Kantorowicz elabora um conceito muito importante para o estudo do pensamento político medieval. A idéia de que o rei possuiria um corpo físico (natural e sujeito a imperfeições, como qualquer outra pessoa) e um corpo místico (perfeito por estar diretamente ligado ao divino, às figuras de Cristo e conseqüentemente de Deus).

Tal conceito é muito mais trabalhado na historiografia medieval ao lidarmos com a política da Baixa Idade Média. Entretanto, mesmo Kantorowicz chega a tratar de forma breve sobre o tema durante a Alta Idade Média. É claro que há certas diferenças ao se tratar da idéia dos dois corpos do rei nos dois

---

<sup>1</sup> Professor Doutor de História Medieval (USP). E-mail: nfalbel@terra.com.br.

<sup>2</sup> Doutorando em História Social (USP/Fapesp). E-mail: eosmedeiros@hotmail.com.

períodos específicos, mas é nítido que tal ideal era presente na Alta Idade Média, mesmo que de forma vaga e intimamente ligada ainda a conceitos e ideais pré-cristãos e até mesmo das sociedades tribais germânicas.

Desta forma, como proposta de uma análise do tema, iremos nos focar na sociedade da Alta Idade-Média inglesa, especificamente o período da assim chamada Inglaterra anglo-saxônica. E para tanto, iremos nos focar num aspecto muito importante e presente nas fontes documentais que é a idéia do líder/governante ideal. Este “bom rei”, segundo nosso enfoque, não seria o aguerrido e vitorioso, mas sim o pacífico que protege o seu povo; sendo a guerra uma mera consequência. Assim, nosso propósito é demonstrar de que forma o conceito de um líder pacífico se relaciona com a figura do rei, criando assim o ideal de um *príncipe da paz* que é claramente elaborado através da literatura do período e exemplificado nas decisões políticas que marcaram um momento mais tardio da história da Inglaterra anglo-saxônica.

Para começarmos então nossa análise, devemos primeiramente compreender a importância e o papel da figura do rei dentro da sociedade anglo-saxônica e remontarmos ao período da cristianização. No processo de cristianização na Inglaterra anglo-saxônica, diferente de outras partes da Europa (como na conversão dos saxões continentais por Carlos Magno), não existem grandes conflitos entre cristãos e pagãos, muito pelo contrário. A união de elementos pagãos e cristão se dá de forma muito mais tranqüila se compararmos com outros casos. Um exemplo vivo de como se deu essa união de elementos cristãos dentro de um mundo germânico foi o rei Oswald da Northumbria, oriundo de uma linhagem de reis pagãos, mas ele mesmo converso.

Entretanto, mesmo cristão, mantinha certas praticas pagãs, como a postura em que se colocava em suas orações (sentado com as mãos sobre os joelhos e as palmas para cima) o que remeteria a uma prática de cultos pagãos (CHANEY: 116-117). A conversão ao cristianismo, ao menos na Inglaterra, não se deu por simples comparações e similaridades entre as duas tradições, mas sim por uma aceitação e integração ao contexto sócio-político do universo germânico anglo-saxão. Este amálgama de tradições já é registrado por Beda<sup>3</sup> ao relatar a carta enviada aos missionários na Inglaterra, no ano de 601, pelo Papa Gregório o Grande. Nesta carta é dito para que os missionários se apropriassem dos locais sagrados dos pagãos e de suas práticas e as utilizassem em prol da prática cristã. Ou seja, com a conversão as populações pagãs deveriam passar naturalmente para a nova fé (FLETCHER, 1999: 253-255).

---

<sup>3</sup> *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, I. 30.

Segundo a tradição pagã germânica, os deuses (e mais tarde Deus) são, antes de qualquer coisa, os deuses do rei, que é responsável pelo bem estar de seu grupo. Isto acabava sendo refletido em situações onde reis conversos mantinham governos cristãos, mas bastava que o rei se afastasse do cristianismo para que o paganismo voltasse com força (CHANEY: 156-161).

Ou seja, o ponto central não era apenas a conversão da população, mas sim daquele que era o vínculo entre o terreno e o sagrado: o rei; e, por conseguinte, sua tribo também acabaria por se alinhar à fé de seu senhor. Assim, segundo consta nos códigos do rei Æthelred II<sup>4</sup>, um rei cristão é o escolhido, o representante de Cristo na terra (*Cristes gespelian*) entre os cristãos:

As the heathen king, the representative of gods among the folk, was responsible for the tribe's right relationship with the divine, so his Christian successor continues the same function in later terms<sup>5</sup> (CHANEY: 65-67, 185-186).

Como podemos ver, dentro desse período de conversões, a figura do rei é de suma importância para que a nova fé viesse a se estabelecer na Inglaterra. Extremamente ligada à figura do rei vamos ter também a aristocracia que apesar de não possuir o mesmo papel sagrado de mediadora entre os mundos do sagrado e do profano, ainda assim goza de certas similaridades como a legitimação de sua autoridade por sua linhagem e certas qualidades que a assim a diferencia de outros grupos dentro da sociedade.

Primeiramente, devemos nos perguntar, o que caracterizaria a figura real e aristocrática. Para tal questionamento, podemos nos ater inicialmente aos primeiros versos do poema *Beowulf*.

Hwæt! We Gar-Dena in gear-dagum  
þeod-cyninga, þrym gefrunon,  
hu ða æþelingas ellen fremedon!  
Oft Scyld Scefing sceaþena þreatum  
monegum mægþum meodo-setla ofteah;  
egsode eorl[as]syððan ærest wearð  
feasceaft funden; he þæs frofe gebad,  
weox under wolcnum, weorð-myndum þah,

<sup>4</sup> Sendo mais específico, seria no códice VIII Æthelred.

<sup>5</sup> "Assim como o rei pagão, o representante dos deuses entre o povo, era responsável pelo bom relacionamento da tribo com o divino, assim seu sucessor cristão continua com a mesma função de forma posterior". Podemos observar também que o rito de coroação realizado três vezes ao ano (segundo o calendário pagão, e mais tarde o cristão) representava a confirmação da sacralidade do poder real; o elo do rei entre o povo e a divindade.

oðþæt him æghwylc þara ymb-sittendra  
ofer hron-rade hyran scolde,  
gomban gyldan. Þæt wæs god cyning!

[Ouçam! Nós dos guerreiros dinamarqueses dos dias de outrora, dos reis de sua tribo, ouvimos falar de sua glória; de como esses príncipes realizaram feitos valorosos! Por vezes Scyld Scefing de tropas inimigas, de muitas tribos, tomou os salões; ele aterrorizou guerreiros, mesmo que a principio fosse encontrado sozinho. Mas para isto veio uma solução, ele prosperou sob os céus, obteve grande honra até que cada uma das nações ao longo da costa, além do caminho-da-baleia, se submetessem e lhe pagassem tributo. Ele foi um bom rei!] *Beowulf* (vv. 01-11)<sup>6</sup>

Temos aqui um primeiro contato com a imagem do rei (anglo-saxão ou germânico) apresentado já como um rei aguerrido, um líder militar. Alguém que por seus méritos alcançou seu objetivo, um guerreiro que tomou a liderança de seu povo. Justamente este aspecto mais guerreiro é que estará presente no poema. Mas não pensemos que a caracterização desta aristocracia se baseie exclusivamente em uma postura de combates. Ao lermos o poema, encontramos diversas passagens de aspecto moralizante, de outras qualidades idealizadas que contribuem para a construção da imagem aristocrática.

Como delineamos anteriormente, a realeza germânica (em especial a anglo-saxônica), surgiu num grande amálgama de elementos cristãos e pagãos. O rei, desde suas origens pré-cristãs, é o mediador entre os poderes divinos e seu povo (*folc*), e sua imagem está intrinsecamente ligada ao âmbito político e religioso. Ele é a personificação da “sorte” ou, já num contexto mais cristão, da “benção divina”, no destino de seu povo. Uma de suas principais funções relacionadas ao divino é assegurar os favores e bênçãos dos deuses sobre sua tribo servindo justamente como mediador, realizando sacrifícios pela vitória, por boas colheitas e pela paz. O rei não é um sacerdote, mas o líder de seu povo e o guardião de seu bem-estar agindo de forma a receber as benesses divinas.

As atitudes do mundo político refletem o religioso e vice-versa. De forma clara, podemos identificar a divindade sendo primeiramente a divindade do rei, que tem a função de administrar sua responsabilidade com a mesma, e de forma secundária como a divindade da tribo; ou seja, a divindade primeiramente não como o “grande pai da humanidade”, mas sim um deus de reis e guerreiros (CHANEY: 34). Através disso, podemos entender certos

---

<sup>6</sup> Todas as traduções feitas do inglês-antigo e do nórdico antigo para o português moderno são nossas.

termos aplicados à imagem régia como o “escudo-do-povo”, o “elmo-do-povo”, ou seja, como o guardião e protetor (CHANEY: 11-15). Este caráter misto do rei, entre o mundo religioso e o secular, possibilitaria sua influência nas leis e sobre o mundo eclesiástico (lembramos da *Eigenkirche*, uma Igreja extremamente ligada e influenciada pela aristocracia do período). Como nos tempos pagãos, o que temos é o rei como descendente da divindade, com o cristianismo teremos uma identificação do mesmo com Cristo (CHANEY: 192); ou seja, o rei é ao mesmo tempo uma “persona mixta”, que atua através da “sorte”, da “graça” da divindade da tribo: “O rei, ao contrário de um homem individual, é *in officio* o tipo e imagem do Ungido no céu, e conseqüentemente, de Deus (KANTOROWICZ: 51-52 e 56).

Assim, através deste modelo de identificação da imagem do rei e de Cristo, temos uma permanência, a continuidade de uma tradição que remonta aos tempos pagãos e que se adapta com a cristianização (CHANEY: 197). Com o tempo, o rei perde um pouco de seu poder ao dividi-lo com a Igreja; entretanto, continua como o mediador entre o povo e a divindade. Não há uma forte diferenciação entre pecados e crimes, pois a autoridade régia acaba tendo influência nas duas esferas (CHANEY: 234-235). Um exemplo disso pode ser encontrado nas leis de Æthelred II (VIII Æthelred, parágrafo 2.1) (WHITELOCK, 1955): “Pois um rei cristão é o representante de Cristo num povo cristão, e ele deve vingar de forma muito zelosa qualquer ofensa contra Cristo.”

Entretanto, podemos pensar dentro deste contexto que o rei é mais do que simplesmente um governante ou representante do Senhor na terra, mas ele é sim *figura et imago Christi et Dei*. Desta forma, o rei é o representante da vontade divina e, por conseguinte, a sociedade e a ordem emanariam diretamente de Deus.

Essa imagem régia como reguladora da justiça é muito importante dentro de nosso enfoque. Dentre demais fontes, podemos observar um outro exemplo na Inglaterra. Segundo nos relata a *Crônica Anglo-Saxônica* por volta do ano 755, o rei Sigeberht de Wessex teria sido deposto pelos demais membros da corte, liderados por Cynewulf (que acaba por ascender ao trono), devido a seus “atos ilícitos”, sua má conduta, e acaba sendo exilado e posteriormente assassinado. Na literatura do período também surgem episódios onde há a imagem do rei pérfido em contraste com o rei benevolente; o rei dado ao conflito de um lado e por outro o rei protetor de seu povo. Temos um exemplo disso no poema *Beowulf*.

“Þæt, la mæg secgan, se þe soð ond riht  
 fremed on folce, feor eal gemon,  
 eald eþelweard, þæt ðes eorl wære  
 geboren betera. Blæd is aræred  
 geond widwegas, wine min Beowulf,  
 ðin ofer þeoda gehwylce. Eal þu hit gepyldum healdest,  
 mægen mid modes snyttrum. Ic þe sceal mine gelæstan  
 freoðe swa wit furðum spræcon. Ðu scealt to frofre weorþan  
 eal langtwidig leodum þinum  
 hæledum to helpe. Ne wearð Heremod swa  
 eaforum Ecgwelan Ar-Scyldingum;  
 ne geweox he him to willan ac to wælfealle  
 ond to deaðwalum Deniga leodum,  
 breat bolgenmod beodgeneatas  
 eaxlgesteallan oþ þæt he ana hwearf  
 mære þeoden mondreamum from,  
 ðeah þe hine mihtig god mægenes wynnum  
 eafepum stepte, ofer ealle men  
 forð gefremede; hwæþere him on ferhþe greow  
 breosthord blodreow; nallas beagas geaf  
 Denum æfter dome, dreamleas gebad  
 þæt he þæs gewinnes wærc þrowade  
 leodbealo longsum.

[“Isto pode verdadeiramente dizer, aquele que a verdade e o correto realiza para o povo, ao lembrar-se de tudo passado, antigo guardião de sua terra, que este guerreiro foi o melhor dos que nasceram. Sua glória é exaltada por vastas regiões, meu amigo Beowulf, por sobre cada tribo. Você controla tudo com paciência, a força com espírito sábio. Eu devo reforçar com você minha amizade, como antes nós conversamos. Você deverá se tornar um conforto por todo um longo tempo para o seu povo, um auxílio para os guerreiros. Heremod não foi assim para os filhos de Ecgwela, os honoráveis-scyldings; ele não cresceu para alegrá-los, mas para a matança e para o massacre do povo dinamarquês; enfurecido derrubou companheiros-de-mesa, camaradas-de-ombro (em-armas), até que ele se tornasse sozinho, o poderoso líder, dos prazeres-dos-homens; apesar do poderoso Deus a ele, com grandes alegrias e com força o exaltar sobre todos os homens em longa medida; entretanto seu coração cresceu, seu tesouro-do-peito, sanguinolento; não deu nenhum anel por honra aos dinamarqueses; viveu sem alegrias, de forma que ele sofreu as misérias desse conflito, um longo sofrimento para o povo.] *Beowulf* (vv. 1700-1722).

A personagem do herói Beowulf é um ótimo exemplo do ideal de realeza que estamos tratando. Em *Beowulf* as três principais figuras reais são respectivamente: Hrothgar, Hygelac e o próprio Beowulf. A partir destes exemplos tirados do poema, podemos ter uma idéia mais clara do ideal de

realeza presente durante este período, uma idealização que remete ao binômio de *sapientia et fortitudo* (KASKE, 1966: 273-274).

A relação de *sapientia et fortitudo* pode ser encontrada também nas *Eddas*, em especial no poema *Hávamál*, parágrafo 15 (HOLLANDER: 17), onde diz que: “þagalt ok hugalt skyli þjóðans born ok vígdiarft vera (...)” [“O filho de um rei deve ser silencioso e pensativo, e ameaçador em batalha (...)”].

Retornando a imagem dos três reis, podemos caracterizá-los dentro desse contexto de *sapientia et fortitudo* da seguinte forma: o poema *Beowulf* pode ser dividido em duas partes respectivamente, sendo a Parte I marcada pela viagem de Beowulf a corte do rei Hrothgar da Dinamarca e, posteriormente, seu confronto contra Grendel; já a Parte II seria caracterizada pelo governo de paz do rei Beowulf e seu confronto fatal contra o dragão que devasta seu reino. Vamos nos ater a Parte I do poema, onde podemos identificar as imagens de *sapientia et fortitudo*:

ne hyrde ic snotorlicor  
on swa geongum feore guman þingian.  
þu eart mægenes strang ond on mode frod  
wis wordcwida.

[Nunca eu ouvi um homem falar de forma tão sábia. Você é poderoso em força e sábio em mente, grande orador.] *Beowulf* (vv. 1841-1845).

Quando da cristianização dos anglo-saxões, podemos perceber uma clara identificação, ou “predileção”, do período para com o Velho Testamento, em especial com os seus reis (CHANEY, pp. 187-188)<sup>8</sup>, lutando contra os inimigos de Deus; o que de certa forma se encaixava bem com a imagem germânica do confronto dos homens e dos deuses contra os malignos gigantes (MAYR-HARTING: 220) e uma possível identificação com as tribos de Israel e com sua sociedade, muito mais do que com a sociedade de Roma (CHANEY, pp. 174).

<sup>7</sup> Ver as passagens que também tratam da mesma questão de *sapientia et fortitudo* : vv. 287-189; 260-285; 349-350; 415-517; 440-445; 825-826; 974-977; 1219-1220; 1384-1389; 1474-1491; 1674-1676; 1705-1706; 1836-1839; 1826-1835; 2029-2069; 2178-2183.

<sup>8</sup> Nas leis do rei Alfred, o Grande é possível notarmos a influência do Velho Testamento, ao utilizar a lei mosaica; o que nos permite reforçar a idéia que o rei-germânico é investido de poderes terrenos, mas também intercede com o divino, como Alfred que compila suas leis com base na lei sagrada.

Pois bem, na primeira parte do poema, temos uma figura que se encaixa na imagem dos antigos reis e patriarcas bíblicos: Hrothgar. O rei dos dinamarqueses, Hrothgar, é um homem de certa idade quando Beowulf chega a sua corte para ajudá-lo a se livrar do grande mal que o assombra. Após a vitória de Beowulf sobre Grendel e sua mãe, Hrothgar faz grandes homenagens ao jovem herói e é nesse momento que desempenha seu papel mais importante, ao realizar seu sermão a Beowulf. A imagem de Hrothgar é justamente a do velho rei, que já não tem a mesma força como no passado, mas é possuidor de grande sabedoria; e é através de seu sermão que podemos vê-lo como o “rei sábio”.

É interessante notar o modo como Hrothgar é tratado. Temos por exemplo os termos *gamelum rince* e *harum hild-fruman*. O primeiro termo significaria “homem (guerreiro) de idade (velho)”, enquanto o segundo termo seria “grisalho líder-de-guerra”; ambos nos passam a idéia de um guerreiro idoso que (dentro do contexto do poema) envelheceu, e a palavra “grisalho” trás uma idéia de maturidade; ou seja um homem que já teve seus dias de *fortitudo* e que vive seus últimos dias com a *sapientia*.

Fazendo uma comparação, podemos dizer que nessa parte do poema, Hrothgar simbolizaria a plenitude da *sapientia* e o declínio de sua *fortitudo*, frente a um jovem Beowulf na plenitude de sua *fortitudo*. Aliás, devemos ressaltar que o único personagem dentro do poema que é citado tanto por sua *sapientia* quanto *fortitudo* é o próprio Beowulf.

Por sua vez, Hygelac, rei da tribo dos geats, dentro do modelo *sapientia et fortitudo* seria representante do último. Enquanto Hrothgar é o rei sábio, Hygelac é o rei forte. De certa forma poderíamos até mesmo ampliar essas definições para a população; lembrando do que dissemos anteriormente sobre o papel régio como mediador com o divino e responsável pelo bem estar de seu povo (CHANEY: 64-65, 71-72).

Desta forma, dentro do poema, os dinamarqueses como um todo simbolizariam a *sapientia*, enquanto os geats teriam *fortitudo*. Entretanto, enquanto Hrothgar (e os dinamarqueses) sofrem com os ataques de Grendel e sua incapacidade de enfrentar a criatura; Hygelac (e os geats) sofrem com as medidas tomadas em confronto contra os francos, o que leva a morte do rei dos geats. Ou seja, o que temos é a falta de *sapientia*.

Hyne wyrd fornam,  
syþðan he for wlenco wean ahsode,  
fæhðe to Frysum.



[O Destino o levou quando ele por orgulho buscou por problemas, guerra contra os frísios] *Beowulf* (vv. 1205-1207).

Hygelac mais tarde realmente acaba morrendo em batalha no continente, e um dos únicos sobreviventes é justamente Beowulf. Mas a idéia é a de que Hygelac morre não devido a possíveis falhas ao combater, pelo contrário, ele é o exemplo do rei forte, vigoroso; sua morte, como mostra o trecho acima, é devido a seu orgulho, ou seja, a ausência de *sapientia*. O que podemos notar é um contraste que permeia o poema. Este contraste então ocorrerá não apenas num âmbito de *sapientia* e *fortitudo*, mas também de velhice e juventude, Hrothgar e Hygelac; contrastes que acabam por se unir numa única figura: Beowulf. Ele é a figura que inicia o poema jovem e detentor de grande *fortitudo*, e mais tarde demonstra *sapientia* como rei por governar de forma pacífica e prospera.

Ou seja, o ideal de realeza é aquele que consegue combinar, ao mesmo tempo, *sapientia* e *fortitudo*. Este sim seria o ideal a ser alcançado de um governante bem sucedido; e como modelo dessa união bem sucedida temos a figura de Beowulf: o sucesso de Beowulf é demonstrado através da idéia do rei “mantenedor da paz”<sup>9</sup>. A forma como isso é representado no poema é através do duelo de Beowulf contra o dragão que ataca seu reino. Segundo a história, os geats viveram por mais de cinquenta anos em paz devido ao governo de Beowulf, até que um dragão passa a devastar o reino.

Este é um aspecto muito claro dentro não apenas de *Beowulf*, mas também em outras fontes literárias do período anglo-saxônico inglês: a figura do governante como mantenedor da paz, e o conflito como um veículo para se restabelecer a ordem e a segurança da sociedade. Outro simples exemplo disso é o conflito de Beowulf contra Grendel e sua mãe. O par de seres monstruoso aflige a corte dos dinamarqueses com sua matança. Em auxílio deles surge o herói Beowulf que derrota as criaturas, instaurando novamente a ordem ao reino. É interessante observarmos que no poema, é clara a intervenção divina

---

<sup>9</sup> Esta idéia estaria não apenas de acordo com um ideal germânico, mas também cristão. Basta lembrarmos do rei Hrothgar atormentado por Grendel e rei Beowulf, que por cinquenta anos manteve a paz, mas com sua morte é anunciado tempos de incerteza e guerra. Isto explica as imagens de reis como Athelstan e Edgar como bons reis, por terem mantido a ordem no reino, e de Æthelred II como um péssimo rei, por ter permitido a invasão dos escandinavos (CHANEY: 91-94). Ou ainda também temos a carta de Alcuíno de York em 796, onde diz que “a morte de um rei é o sinal de tristezas” (WHITELOCK, 1964: 88-89).

em favor do herói. Diferente de Grendel, que é um ser amaldiçoado, pertencente à linhagem de Caim (a imagem do grande traidor assassino):

wæs se grimma gæst    Grendel haten  
mære mearcstapa,    se þe moras heold  
fen ond fæsten,    fifelcynnes eard  
wonsæli wer    weardode hwile  
siþðan him scyppend    forscifen hæfde  
in Caines cynne;    þone cwealm gewræc  
ece drihten,    þæs þe he Abel slog;  
ne gefeah he þære fæhðe    ac he hine feor forwræc,  
metod for þy mane    mancynne fram.  
Panon untydras    ealle onwocon  
eotenas ond ylfe    ond orcneas  
swylce gigantas    þa wið godê wunnon  
lange þrage;    he him ðæs lean forgeald.

[“Este espírito detestável se chamava Grendel, conhecido andarilho dos ermos, guardião dos pântanos, alagadiços e charcos, em terra de raça monstruosa, infeliz, viveu por um tempo, uma vez que condenado pelo Criador como da raça de Caim; amaldiçoado pelo assassinato, pelo Senhor eterno, que matou Abel; nenhuma alegria por tal crueldade teve; ele foi banido para longe, por Deus, por este crime da presença de outros homens. Dele se originou toda uma prole maligna, gigantes e elfos e espíritos maléficos, e também os gigantes que lutaram contra Deus por tanto tempo; Ele lhes deu o que era merecido.”] *Beowulf* (vv. 102-114).

Ou seja, assim como Caim, Grendel e sua mãe não fazem parte da sociedade que emana do poder divino. Desta forma, Beowulf entra em combate contra os mesmos para que a ordem seja restabelecida. Isso também se reflete no episódio de Grendel temer e não se aproximar do trono do rei Hrothgar (um rei investido com poder sacralizado), símbolo do poder régio e também do poder divino. A idéia contra o traidor é de que não apenas ele, mas todos os que venham dele sofrerão a danação eterna por traírem seu rei (terreno e celeste).

Já em outro poema, o *Gênesis* (vv. 01-119), ocorre uma narrativa apócrifa de como Lúcifer liderou um grupo de anjos a se rebelarem e tentarem tomar o poder de Deus e, mais tarde, como eles foram punidos com o exílio no Inferno.

O que nos importa é que fique clara esta relação do rei, da divindade e da sociedade. O ideal régio, a partir do que pudemos ver não é a do governante aguerrido, vigorosa. Na verdade tais características viriam como uma consequência de algo maior e mais importante, que é o rei como o “guardião

da ordem”, aquele que mantém a paz. Esta idéia de mantenedor da paz se estende tanto no âmbito interno desta sociedade quanto externamente.

Através da história da Inglaterra anglo-saxônica, podemos citar alguns exemplos práticos em que este ideal pode ser aplicado. Talvez duas figuras importantes para isso seriam o rei Alfred o Grande (c. 871-899) e o rei Æthelred II (c.971-1016). Ambos tiveram seus governos marcados pelos ataques dos invasores vikings, porém a imagem decorrente de cada um foi diversa.

Alfred é a imagem do grande rei que resistiu aos ataques dos invasores escandinavos e, através do tratado de 886 com o líder escandinavo Guthrum, estabelece a paz. Em sua obra sobre a vida do rei Alfred, Asser o apresenta como *Angel-Saxonum Rex* [Rei dos Anglo-Saxões]. Como o herói de *Beowulf*, Alfred trouxe a paz a seu reino e implantou as bases de uma reorganização sócio-cultural que se estenderia para seus sucessores, em especial seu neto, Athelstan, também reconhecido como um grande governante por ter unificado toda a Inglaterra (tanto os territórios anglo-saxões como os ocupados pelos escandinavos) como um único reino e manter a ordem. Em sua documentação ele chega a ser apresentado como *Angel-Saxonum et Denorumque Rex* [Rei dos Anglo-Saxões e dos Dinamarqueses].

Na verdade, podemos dizer que todos os sucessores de Alfred, até a segunda metade do século X foram agraciados como bons reis. A causa disso repousa nas seguintes características: um governo forte e um reino unificado sob o trono da Casa de Wessex; o enfraquecimento dos ataques escandinavos; o fortalecimento do exército anglo-saxão, afastando assim qualquer tipo de ameaça externa.

Æthelred II, por sua vez, é justamente o oposto de Alfred. Assim como nos tempos do rei Alfred, Æthelred II teve de enfrentar uma nova onda invasora de escandinavos. Porém, diferente de seu ancestral, ele não conteve a invasão e em 1016 ele estava morto, e no ano seguinte um rei dinamarquês governava a Inglaterra: Cnut, o Grande. Um descendente de Alfred voltaria a se sentar no trono inglês apenas trinta anos depois (sendo este Eduardo o Confessor). Æthelred II é considerado um péssimo governante; o que lhe garantiu o epíteto de Æthelred o “Mau-Aconselhado”. As principais características de seu governo foram: conflitos e instabilidade na política interna, o que acabaram por enfraquecer o reino (um bom exemplo é o caso de Eadric Streona, *ealdorman* de Mercia, que durante as novas invasões, por vezes lutava

ao lado dos anglo-saxões e outras ao lado dos escandinavos<sup>10</sup>) e o despreparo do exército anglo-saxão. Após a derrota anglo-saxônica, Cnut é aceito como rei da Inglaterra. Uma das razões que teriam levado a aristocracia anglo-saxônica a aceitar Cnut seria a idéia de que o aceitando, os ataques chegariam a um fim e eles finalmente teriam paz novamente.

O que podemos observar é que o elemento que faz de Beowulf um ideal e com que Alfred e seus sucessores tornem-se bons reis é justamente o que falta a Æthelred II: a capacidade de manter a ordem e a paz. Assim, vemos que a capacidade de manter a paz é um elemento de extrema importância para o mundo da Inglaterra anglo-saxônica. Espera-se que o rei, como o representante do divino, tenha a capacidade de proteger seu povo e seu reino à imagem de Deus como o “monarca celeste”. Logo, como dissemos anteriormente, apesar da imagem guerreira e do aspecto do conflito como parte integrante da sociedade anglo-saxônica, estes se manifestariam na verdade apenas como veículos para se alcançar um objetivo maior que seria nada mais do que a paz; e esta sendo estabelecida por meio da figura do rei como o mantenedor da ordem terrena e divina, uma vez que ele é *imago Christo et Dei*, e é Dele que emana a paz e a ordem.

\*\*\*

### Fontes primárias

BEDE. *Ecclesiastical History of English People*, Londres: Penguin, 1990.

CHICKERING Jr., Howell D. (trad.) *Beowulf*, Nova York: Anchor Books, 1989.

HOLLANDER, Lee M (trad.) *The Poetic Edda*, AustIn: Texas University Press, 2000.

KEYNES, Simon & LAPIDGE, Michael (trad. e org.) *Alfred the Great: Asser's life of King Alfred and other contemporary sources*, Londres: Penguin, 1983.

KEYNES, Simon (trad.) *Encomium Emmae Reginae*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

SWANTON, Michael (trad. e org.) *The Anglo-Saxon Chronicle*, Londres: Dent, 1997

WHITELOCK, Dorothy (trad. e org.) *English Historical Documents*, Londres, 1955.

### Fontes Secundárias

CAMPBELL, James. *The Anglo-Saxons*, Londres: Penguin, 1991.

---

<sup>10</sup> Eadric Streona trocava de lado conforme seu interesse e o andamento das invasões. Por fim, acabou por se voltar para o lado dos escandinavos, contribuindo para a derrota dos anglo-saxões. Entretanto, segundo a *Encomium* da rainha Emma, logo após a vitória dos escandinavos, o próprio Cnut teria ordenado a morte de Eadric justamente pelo fato de sua traição para com Æthelred II (KEYNES, 1998: 30-33).

CHANEY, William A. *The Cult of Kingship in Anglo-Saxon England*, Manchester: Manchester University Press, 1999.

DUCKETT, Eleanor Shipley. *Alfred the Great, the king and his England*, Chicago: Chicago University Press, 2000.

FLETCHER, Richard. *The Barbarian Conversion*, California: Henry Holt, 1999.

HILL, John. *The Anglo-Saxon Warrior Ethic: Reconstructing Lordship in Early English Literature*, Gainesville: Florida University Press, 2000.

HYAMS, Paul. "Feud and the State in Late Anglo-Saxon England", *The Journal of British Studies*, Vol. 40, No. 1. pp. 1-43.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os Dois Corpos do Rei*, São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

KASKE, R. E. "*Sapientia et Fortitudo* as the controlling theme of *Beowulf*", *Studies in Philology* 55, 1958, pp. 423-457 In: NICHOLSON, 1966, pp. 269-310.

MAYR-HARTING, Henry. *The coming of christianity to Anglo-Saxon England*, Avon: Penn State Press, 1994.

WHITELOCK, Dorothy *The Audience of Beowulf*, Oxford: Clarendon Press, 1964.